

14. O sítio neolítico de Casas Novas (Coruche, Portugal): influências cruzadas da Meseta e do Mediterrâneo na margem esquerda do Baixo Tejo

Victor S. Gonçalves¹ & Ana Catarina Sousa²

¹ UNIARQ, Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa. Faculdade de Letras de Lisboa. vsg@campus.ul.pt

² UNIARQ, Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa. Faculdade de Letras de Lisboa. sousa@campus.ul.pt

14.1 De Casas Novas

Em finais de 2018, publicámos um estudo monográfico exaustivo dedicado ao sítio de Casas Novas (Gonçalves e Sousa, 2018), incluindo um conjunto de estudos anexos (Inácio, 2018; Gijbaja Bao, 2018; Stika, 2018). Não voltámos ao campo e, por ora, consideramos concluído o estudo da documentação e materiais propiciados pelas campanhas de escavação realizadas em 2010 e 2011.

Voltar a Casas Novas tão pouco tempo após a publicação do livro é sempre complicado, razão pela qual assumimos que este artigo traduz na essência, o resumo dos dados e ideias discutidos na referida obra.

Considerando que Casas Novas têm características crono-estilísticas de alguma forma distintas do panorama conhecido para o Neolítico antigo do Ocidente Peninsular, e que tem sido aventada a possibilidade de se integrar numa esfera cultural pré-cardial possivelmente de matriz *Impressa* (Guilaine *et al.*, 2007; Gonçalves e Sousa, 2018), o presente artigo procura situar o estudo monográfico numa escala do Mediterrâneo Ocidental.

14.2 Na margem esquerda do Rio Tejo, as primeiras sociedades camponesas no Sorraia

A investigação em Casas Novas insere-se no projecto ANSOR (Antropização do Vale do Sorraia), programa de investigação iniciado nos anos 80 por Victor S. Gonçalves e Suzanne Daveau (Gonçalves e Daveau, 1983-84, Gonçalves 2009) e retomado a partir de 2010 (ANSOR 2 e 3). Trata-se de um projecto de leitura do povoamento nas margens do Rio Sorraia, afluente da margem esquerda do Rio Tejo, centrando-se na sua fase média, coincidindo com o concelho de Coruche.

A paisagem actual e a configuração hidrográfica foi profundamente alterada desde épocas pré-históricas, primeiro com o impacto das flutuações do Rio Tejo (Daveau, 1996) e depois, em meados do século 20, com o plano de canais do Aproveitamento Hidroagrícola do Vale do Sorraia.

O estudo das dinâmicas de povoamento do projecto ANSOR está estruturado numa leitura do tempo longo, correspondendo essencialmente ao processo de génese e desenvolvimento das primeiras sociedades camponesas, desde o sexto ao segundo milénio a.n.e. O desenvolvimento do referido projecto tem envolvido a realização de trabalhos de prospecção, levantamentos geofísicos, escavações e estudos monográficos (Gonçalves e Sousa 2014, 2015, 2017, 2018; Gonçalves *et al.* 2017).

Por ora não foram detectados no vale do Sorraia quaisquer vestígios de ocupação dos últimos caçadores - recolectores mesolíticos, embora a escassos 25 km se localizem os famosos concheiros do vale de Muge/ Magos, também na margem esquerda do Baixo Tejo.

A maior parte dos contextos identificados e intervencionados no âmbito do projecto ANSOR enquadra-se no Calcolítico, destacando-se os sítios de fossos (Cabeço do Pé da Erra e Barranco do Farinheiro), os primeiros a ser identificados na região do Ribatejo (Gonçalves e Sousa, 2017; Gonçalves *et al.*, 2017).

A informação é mais escassa para as fases antigas do Neolítico. Casas Novas correspondem, até ao momento, ao único sítio integrável no Neolítico antigo em Coruche.

Casas Novas situa-se na margem esquerda do troço médio do Rio Sorraia, hoje a poucas dezenas de metros das margens do curso de água, apenas a 21-22 m de altitude média. O substrato geológico integra um substrato de areias e de argilas amarelas, terraços quaternários. A localização em área inundável e o carácter restrito dos recursos disponíveis (provavelmente relacionáveis maioritariamente com a caça e a recollecção), parece indicar uma ocupação de carácter sazonal.

A avaliar pelo modelo de implantação de Casas Novas, as pautas de povoamento do Neolítico antigo podem coincidir com os terraços na margem esquerda do Sorraia, terrenos profundamente afectados pela agricultura intensiva e pelos canais de rega. Ao invés, a maior parte dos sítios calcolíticos localiza-se em áreas elevadas, de montado, sem acções intrusivas no solo e com excelentes níveis de preservação. Por outro lado, parece plausível a existência de maior mobilidade no Neolítico antigo, com um menor número de contextos de carácter residencial.

Conhecem-se alguns (escassos) sítios integráveis no Neolítico antigo nesta região (margem esquerda do Baixo Tejo), mas até ao momento não existe qualquer outro sítio com datações absolutas, atendendo à má preservação da matéria orgânica nestes contextos sedimentares e à elevada perturbação dos contextos.

O número de sítios do Neolítico antigo situados na margem esquerda do Tejo, alvo de escavação arqueológica, é restrito: Quinta da Praia, Alcochete (Carvalho *et al.* 2020); Gaio, na Moita (Soares *et al.*, 2004); Moita do Ourives e Monte da Foz, em Benavente (Neves *et al.*, 2008; Neves 2010, 2018), Cortiçóis, em Almeirim (Cardoso *et al.*, 2013; Carvalho *et al.*, 2013) e Bernardo e Alminho, em Ponte de Sor (Angelucci y Deus, 2006). Apesar de não dispormos de cronologia absoluta, o estudo da cultura material permite-nos incluir grande parte destes sítios já no quinto milénio a.n.e.

No caso da área dos concheiros de Muge, a situação é mais complexa.

Nas recentes escavações realizadas no Cabeço da Amoreira (Bicho *et al.*, 2011, 2015), foram detectadas algumas cerâmicas neolíticas concentradas nos limites externos do concheiro. Avançou-se com a possibilidade de se tratar de acções pontuais de grupos neolíticos que frequentavam a região (Bicho *et al.*, 2015: 635). A equipa dirigida por Nuno Bicho considerou que corresponderia a um momento mais avançado no Neolítico (Bicho *et al.*, 2015: 635), mas será fundamental conhecer melhor esses materiais e contextos. Aparentemente, de Muge, estaria assim ausente (nos concheiros) a fase inicial do processo de neolitização, o que parece estar de acordo com o modelo preconizado por João Zilhão, que propõe que os primeiros pioneiros tivessem ocupado zonas pouco frequentadas por comunidades de caçadores-recolectores (Zilhão, 2001). Foram também detectados alguns possíveis *habitats* fora da área dos concheiros, integráveis numa fase

mais avançada do Neolítico, para os quais não foi realizada qualquer intervenção arqueológica: em sítios como Vala Real, na ribeira de Magos, Salvaterra de Magos (Andrade *et al.*, 2015) ou Casas Velhas do Coelho, Amoreiras, em Muge, Salvaterra de Magos (Andrade *et al.*, 2015; Bicho *et al.*, 2012, 2013). O tema está longe de estar fechado. Por exemplo, no sítio de ORZ 1 (Paúl de Magos), escavado pelo signatário, foi recolhida cerâmica cardial.

Casas Novas é assim uma exceção, sendo até ao momento o único sítio da margem esquerda do Baixo Tejo que tem elementos cronométricos e da cultura material que indica uma ocupação do sexto milénio, até agora quase desconhecida da margem esquerda do Baixo Tejo (figura 1).

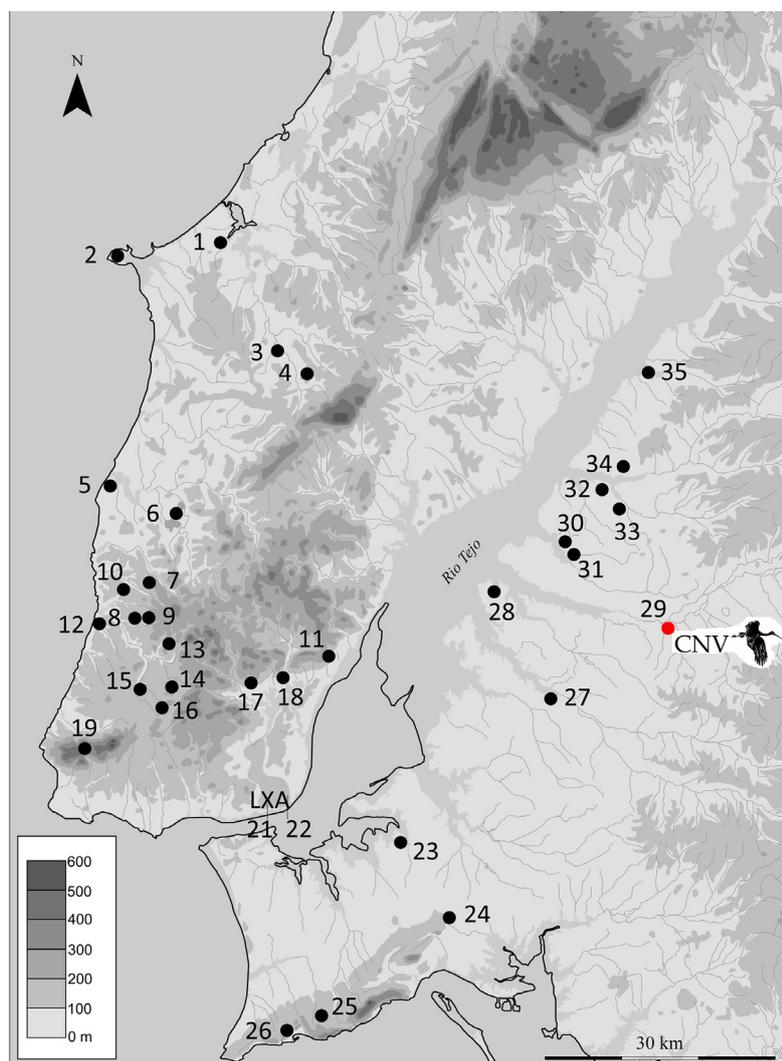


Figura 1. Casas Novas e o povoamento do Neolítico nas Penínsulas de Lisboa e Setúbal e na margem esquerda do Baixo Tejo. 1 – Casa da Moura, 2 – Gruta da Furninha; 3 – Lapa do Suão; 4 – Gruta das Pulgas; 5 – Vale da Mata; 6 – Cova da Moura; 7 – Cova da Baleia; 8 – Sobreiro; 9 – Gonçalvinhos; 10 – Gorcinhos; 11 – Moita da Ladra; 12 – São Julião; 13 – Cabeço de Alcainça; 14 – Negrais; 15 – Lameiras; 16 – Penedo da Cortegaça; 17 – Gruta do Correio Mor; 18 – Salemas; 19 – São Pedro de Canaferrim; 20 – Carrascal; 21 – Palácio dos Lumiães; 22 – Encosta de Santana; 23 – Gaio; 24 – Casal da Cerca; 25 – Fonte de Sesimbra; 26 – Lapa do Fumo; 27 – Moita do Ourives; 28 – Monte da Foz, 29 – Casas Novas; 30 – ORZ-1; 31 – Vala Real; 32 – Casas Velhas do Coelho; 33 – Amoreiras; 34 – Vale de Lobos; 35 – Cortiçóis.

14.3 Contextos arqueológicos de Casas Novas

O sítio de Casas Novas apresenta uma dispersão de materiais bastante elevada, com cerca de 30 ha. A metodologia de intervenção envolveu a realização de levantamento geofísico e a realização de escavações em sondagens alargadas, ascendendo a um total de 404 m².

Os trabalhos de geofísica recorreram ao método de geomagnetismo, atendendo à sua abrangência de ocorrências detectáveis. O levantamento permitiu identificar um extenso conjunto de anomalias, interpretadas genericamente como estruturas pré-históricas.

Os trabalhos de escavação decorreram em 2010 e 2011, estruturando-se em dois sectores na área adjacente a um pinhal.

Foi identificada uma ocupação esparsa, com uma estratigrafia que revela impactos da flutuação do Sorraia. Trata-se de uma sedimentação pouco espessa, com o nível de ocupação subjacente à camada superficial. Em alguns pontos regista-se a presença de níveis intermédios de seixos. A maior parte das estruturas localizam-se na camada de base, a qual regista a presença de um nível natural de seixos. Existirá possivelmente uma estratigrafia horizontal formada após sucessivas reocupações do local.

Apesar de terem sido identificadas 32 estruturas (combustão, fossas, estruturas pétreas) e do levantamento geofísico permitir estimar que o número total de estruturas fosse muito superior, as características expeditas destas estruturas, a escassez de evidências residenciais e o seu posicionamento espaçado parece indicar que Casas Novas seria utilizado sazonalmente, durante uma longa diacronia.

A acidez dos solos obliterou a evidência directa de matéria orgânica. Contudo, a presença relativamente abundante de impressões de cereais na argila cozida, ou no chão ceramizado pelo fogo, permite confirmar práticas agrícolas, incluindo o cultivo de cevada (*Hordeum vulgare*) e de dois tipos de trigo (*Triticum cf. dicoccum* e *Triticum cf. monococcum*) (Stika, 2018), também evidenciadas pela presença de elementos de moagem.



Figura 2. Casas Novas, paisagem em 2011 (Foto Victor S. Gonçalves)

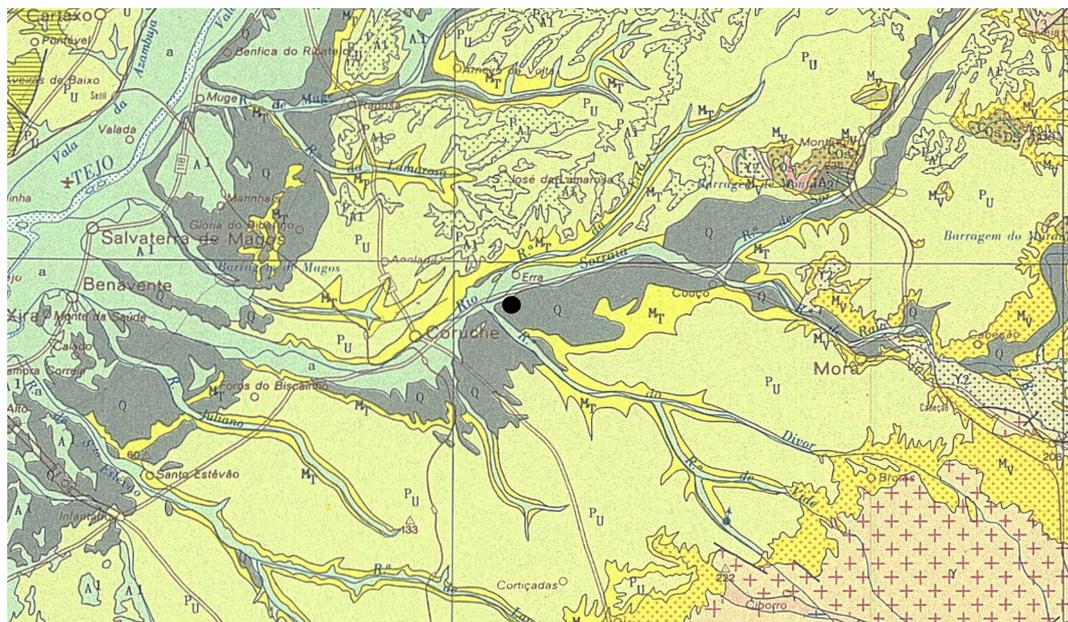


Figura 3. Localização de Casas Novas na margem esquerda do Rio Sorraia, afluente do Rio Tejo.



Figura 4. Casas Novas, estratigrafia sondagem 2, Área 1 (Foto Victor S. Gonçalves).

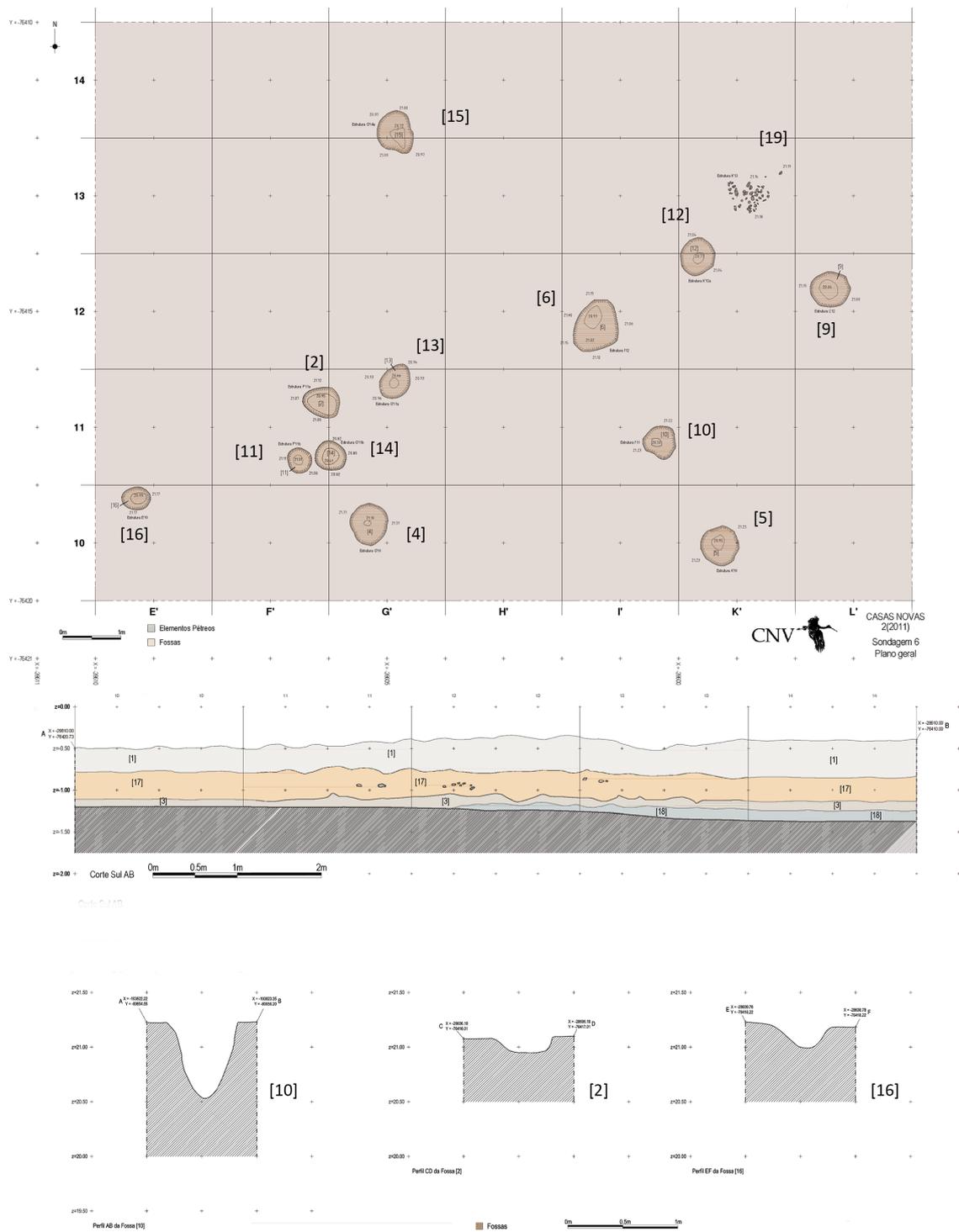


Figura 5. Casas Novas, planta, estratigrafia e perfis das estruturas de combustão da Sondagem 8, Área 2.

14.4 Cultura material

Em termos gerais, a densidade de materiais arqueológicos em Casas Novas é reduzida (total de 1697 artefactos, densidade de material entre 3,19 e 0,19 materiais por m²). A indústria lítica é a categoria artefactual mais representativa do conjunto (89%). Esta densidade e tipologia de materiais pode traduzir uma ocupação esparsa, compatível com o carácter não permanente desta ocupação.

A cultura material de Casas Novas é extremamente homogénea, quer a nível do conjunto lítico quer no que se refere à cerâmica. A existirem vestígios de momentos terminais do Neolítico, seriam certamente de pequena escala.

14.4.1 Industrias líticas

Quanto à *pedra lascada*, a distribuição das matérias primas pelas etapas da cadeia operatória de Casas Novas evidencia que, exceptuando a fase de captação de matéria prima, todas as etapas da debitage seriam efectuadas no local: debitage, transformação, retoque e uso. O conjunto apresenta uma preponderância das matérias primas exógenas, especialmente do sílex (78%), de captação na outra margem do Rio Tejo, a média-longa distância. Esta estratégia de aprovisionamento de matéria prima é claramente uma opção de cariz crono-cultural, quando perspectivamos Casas Novas no quadro do vale do Sorraia, onde o sílex é quase residual nas fases mais avançadas dos grupos agro-metalúrgicos de Cabeço do Pé da Erra ou Barranco do Farinheiro.

A indústria lítica de Casas Novas apresenta uma debitage preponderantemente sobre lascas (69%). O conjunto de suportes alongados compreende 266 registos, dos quais 18% correspondem a lâminas e 82% a lamelas. A nível da utensilagem, os geométricos são os mais frequentes (41% do conjunto), proporção superior à registada em outros sítios contemporâneos, o que poderá indicar um nível de especialização da ocupação.

O conjunto das armaduras de Casas Novas é quase equitativamente dominado pelos trapézios e pelas pontas de seta transversais, situação atípica para o Centro e Sul de Portugal. Entre as pontas de seta transversais de retoque de tendência invasor (14), encontramos dois subtipos: os exemplares largos de maiores dimensões sobre lâmina e os estreitos sobre lamelas. O estudo traceológico realizado para Casas Novas (figura 6) por Juan Gibaja Bao veio confirmar a presença de geométricos usados como «setas transversais», com dimensão larga e outros também com retoque bifacial, que foram usados como barbelas, com suportes mais estreitos (Gibaja Bao, 2018).

O estudo traceológico confirmou a importância da actividade cinegética, uma vez que todos os geométricos foram usados como projecteis. O encabamento seria efectuado de forma transversal, ou em ponta, o que poderia indicar diferenças no tipo de presas ou de estratégia de caça (idem, ibidem).

Os suportes alongados têm poucos sinais de uso, conservando traços devidos ao corte de plantas não lenhosas ou de matérias primas de pouca dureza. Detectou-se um caso de raspagem de matéria vegetal, mas a amostra estudada não apresentava lustre de cereal. A ausência de vestígios de uso relacionado com o trabalho da pele, osso, hastes de cervídeo, ou de matérias minerais, pode evidenciar as actividades praticadas neste sítio, mas outras explicações podem ser avançadas, como o uso, para estas actividades, de outro tipo de utensílios, perecíveis (Gibaja Bao, 2018).

Casas Novas revelou um pequeno conjunto de 17 artefactos de *pedra afeiçoada*, muito provavelmente associáveis à farinação. Os dormentes de forma subrectangular são de pequena dimensão, de granito de grão grosseiro captável a cerca de 25 km.

A presença de *pedra polida* em Casas Novas é residual, limitando-se a cinco registos, artefactos de pedra polida em fase de produção, possivelmente esboços (ébauches) de enxós.

V.15-47



X.30-111



K'.44-15



Y.30-73



X.28-43



X.30-121



Figura 6. Pontas de seta transversais.

14.4.2 Os recipientes cerâmicos

O conjunto de fragmentos classificáveis (bordos, fundos, cerâmicas decoradas, mamilos ou asas) ascende a 228 indivíduos. Este conjunto é relativamente pequeno atendendo à área escavada em Casas Novas e, em comparação com outros conjuntos coevos.

Como é frequente em conjuntos de cerâmica pré-histórica, a fragmentação dos recipientes impede uma estimativa rigorosa do número mínimo de recipientes. Contudo, apesar de não se ter recolhido nenhum recipiente inteiro, o conjunto apresenta um bom grau de preservação em termos de conservação das superfícies e da dimensão dos fragmentos (tabela 1).

	Tipos decorativos	TOTAL	
		Nº	%
IMPRESSO	Cardial	10	10%
	Cardial + <i>Punto y raya</i>	1	1%
	<i>Punto y raya</i>	11	11%
	Impressões diversas	18	18%
	Impressões sobre cordão	4	4%
INCISO	Bordo decorado	2	2%
	Inciso	28	28%
	Canelura	11	11%
	Incisões sobre cordão	4	4%
ALMAGRE	Simple	2	2%
COMPÓSITO	<i>Punto y raya</i> + canelura	1	1%
	<i>Punto y raya</i> + incisão	2	2%
	Impressões diversas + canelura	2	2%
	Impressões diversas + incisão	3	3%

Tabela 1. Tipos e técnicas decorativas de Casas Novas

Apesar das dificuldades em classificar, em termos de forma, os materiais cerâmicos de Casas Novas, podemos identificar tendências. Em termos absolutos, dominam as formas fechadas. Esta importância das formas fechadas surge em outros contextos coevos, como o Abrigo do Almonda (Carvalho, 2011: 85), tal como no Cabeço de Porto Marinho ou Almonda (idem, ibidem). Em Valada do Mato, a proporção de formas é mais equilibrada, com 47% de formas fechadas e 53% de formas abertas.

O conjunto de Casas Novas mostra a presença de recipientes simples, baseados na esfera, embora seja provável que alguns dos bordos de paredes rectas ou algumas asas pudessem pertencer a recipientes de colo ou «bilhas» (Gonçalves e Sousa, 2017).

O número de fragmentos com aplicações plásticas «de prensão» é relativamente reduzido, correspondendo apenas a 17% do conjunto de Casas Novas, registando-se asas, incluindo uma possível *asa pitorro* (44%), mamilos (29%) e fragmentos com cordão plástico liso ou decorado (26%).

O número de registos cerâmicos decorados é relativamente elevado (109) correspondendo a 58% dos fragmentos classificáveis. O conjunto de Casas Novas, devido ao seu estado de fragmentação, não permite a decomposição em motivos e padrões. A análise centra-se assim na questão da técnica, associando-se por vezes à gramática decorativa, o que limita a identificação de

identidades específicas. O conjunto de Casas Novas é dominado pela impressão com vários tipos de matriz, seguindo-se a incisão, a canelura e os motivos compósitos.

A cerâmica cardial integra 11 fragmentos, apenas dois com bordo, formas hemisféricas. Os restantes fragmentos devem corresponder a recipientes de dimensão média a grande, com paredes de espessura entre 9 e 11 mm.

No que se refere ao tipo de impressão, apenas se regista o uso do bordo da concha de *Cerastoderma edule*, estando ausente a impressão do *natis* ou o designado «arraste cardial». Quanto ao ângulo, verifica-se geralmente a impressão perpendicular, apenas se registando um fragmento com impressão tangencial. Os restantes fragmentos apresentam uma impressão pouco profunda. As impressões parecem estarem dispostas em motivos verticais, configurando campos decorativos verticais ou bandas horizontais. Num dos fragmentos, registou-se a presença de pasta branca a preencher a decoração, osso de acordo com as análises efectuadas (Odriozola, 2018), circunstância rara no Neolítico antigo do Ocidente Peninsular.

O pequeno conjunto de Casas Novas integra 11 exemplares de cerâmica com decoração *punto y raya*, acrescentando outros dois que apresentam decoração compósita com outros sistemas decorativos. Sete dos fragmentos apresentam bordo, permitindo reconstituição aproximada de diferentes formas (esférico, paredes rectas, taça em calote funda, de bordo exvertido). As superfícies apresentam em geral a aplicação de aguada, ou engobe, e brunimento. A maior parte dos fragmentos de Casas Novas parece registar como decoração dominante o tema dos triângulos. Parece estar ausente o tema básico das linhas horizontais grupadas junto ao bordo, tão abundantes por exemplo em Valada do Mato (Diniz, 2007) e também representadas nos Cortiçóis (Cardoso *et al.*, 2013), motivos que possivelmente correspondem a fases mais avançadas. Como recentemente salientou A. F. Carvalho, em Portugal a técnica *punto y raya* é coeva do Cardial e sucede-lhe no tempo (Carvalho, 2019: 13).

Deve ser destacado que estes dois estilos decorativos surgem associados quer estratigraficamente, quer formalmente (um bordo que apresenta uma banda horizontal de aplicações cardiais verticais e um campo decorativo triangular executado com a técnica de *punto y raya*) quer na similar área de captação de argila.

O estudo petrográfico (Inácio, 2018) indica uma origem não local, mas provavelmente regional, comum para as cerâmicas cardiais e *punto y raya*.

A «coexistência estratigráfica» de cerâmica cardial e *punto y raya* está documentada em vários sítios portugueses do Neolítico antigo, nomeadamente na Galeria da Cisterna e na Pena d'Água, mas são muito raros, quer em Portugal quer na Península, a existência de recipientes que combinam os dois motivos (Alday *et al.* 2011). Refira-se o caso La Ambrolla, Saragoça (Bea *et al.*, 2011) e na Cova Fosca de la Vall d'Ebo, Alicante (Garcia Borja *et al.*, 2012), este último associado a uma data antiga de meados do 6º milénio a.n.e.

O maior conjunto de decorações impressas de Casas Novas corresponde a outros tipos de matrizes: 1. impressões circulares; 2. impressões semi-circulares; 3. impressões verticais; 4. impressões em espiga.

Foram ainda individualizadas em Casas Novas cerâmicas caneladas (10 exemplares) e fragmentos com decoração incisa (28). O número das cerâmicas incisadas foi certamente aumentado pelo seu estado de fragmentação, em termos gerais, com exemplares menos robustos do que as cerâmicas impressas.

Observando as cerâmicas, para além das leituras tipológicas, verificamos que o conjunto de Casas Novas apresenta um complexo comportamento tecnológico no fabrico de recipientes cerâmicos, desde a fase de captação de matéria prima, em barreiros locais e regionais, à selecção de componentes não plásticos (nomeadamente chamota), no uso de técnicas de manufactura que incluem rolos sobrepostos, no cuidado dos tratamentos de superfície, aplicação de aguadas e

preenchimento das decorações com osso e finalmente nos processos de cozedura controlados. Estas tecnologias encontram paralelos em contextos do Neolítico antigo peninsular, evidenciando uma perícia técnica existente desde fases recuadas (Inácio, 2018).

A presença de argilas recolhidas a uma distância superior a 20 km é mais um indicador de uma mobilidade residencial das comunidades que habitavam Casas Novas. É bastante revelador que as cerâmicas com decoração cardial e *punto y raya* tenham sido produzidas com argila de barreiros da mesma área, em substratos graníticos, no Alentejo, evidenciando que, no 6.º milénio, o vale do Sorraia já era ponto de partida e chegada para o Tejo, costa atlântica e Alentejo.

14.5 Cronologia absoluta e relativa

Tal como sucede com a generalidade dos sítios arqueológicos situados na margem esquerda do Tejo, a acidez dos solos não permite a conservação de matéria orgânica, nomeadamente de ossos, óbice que limita a nossa leitura em termos paleo-ambientais e económicos. A conservação de carvão permitiu a obtenção de datações absolutas, não tendo sido possível determinar a espécie vegetal datada, pela deformação sofrida pelo fogo. Foram obtidas oito datações absolutas de ^{14}C , por A.M.S., todas sobre carvão de espécie não identificável.

Das oito datações obtidas, apenas uma se integra no espectro cronológico do Neolítico Antigo. As margens do Sorraia e o sítio que hoje denominamos de Casas Novas foram sistematicamente percorridas e ocupadas durante os últimos milénios antes da nossa Era. As datas e alguns escassos materiais indicam presença esparsa no local no 4.º milénio (sem materiais datantes associados, mas com uma datação absoluta), no final do 3.º milénio com o campaniforme (com materiais, mas sem datações), na Idade do Bronze e na Idade do Ferro (com escassos materiais e algumas datações).

As datações absolutas indicam uma longa frequência da margem esquerda do Sorraia, mas a evidência material claramente mostra que a única ocupação duradoura deve ter ocorrido nos inícios do Neolítico, possivelmente em meados do 6.º milénio (tabela 2).

Ref. Lab	Sector	Registo	Amostra	Idade	Cal BP	Cal BC	Data cal BC
				(anos BP)	2 σ (95% p)	1 σ (65% p)	2 σ (95% p)
Beta-310057	6	CNV-G'11-19-UE14	Carvão	6680 \pm 40	7610-7480	5630-5560	5660-5540

Tabela 2. Datação absoluta de Casas Novas

A data Beta-310057 é assim a única que podemos associar à ocupação Neolítica. Trata-se de uma data com uma cronologia recuada no 6.º milénio: 5665-5528 cal a.n.e. 2 σ . Esta datação foi obtida numa fossa de perfil troncocónico.

A data obtida é antiga, ligeiramente mais recuada do que os mais antigos contextos datados directamente sobre espécies de vida curta domesticada, nomeadamente nos ossos de *Ovis aries* identificados na Gruta do Caldeirão (OxA-1036 – 5480 – 5070 cal BC a 2 sigmas – Zilhão, 1992) e no conjunto do Lapiás de Lameiras (OxA-29110 = 5517-5374 cal BC; OxA-29109 = 5521-5375 cal BC – Davis e Simões, 2015).

Só dispomos de uma data para o Neolítico antigo, mas a homogeneidade do conjunto (nomeadamente cerâmico) parece atestar que a ocupação mais relevante do sítio tenha ocorrido

numa fase recuada no Neolítico, uma vez que estão ausentes indicadores de um Neolítico mais avançado regional, como as asas bífidas, a decoração em espiga ou «folha de acácia neolítica». (figura 7 e 8).



CNV-S-49



CNV-S-48



CNV-S-45



S 1 D.16-23



Figura 7. Cerâmica com decoração cardinal em cima e com decorações de impressões várias (fotos Victor S. Gonçalves).



Figura 8. Decoração mista (V.15-91): a decoração junto ao bordo é cardial, a decoração abaixo, *punto y raya* (fotos Víctor S. Gonçalves).

14.6 Contextualizando Casas Novas: Os dados e as ideias

A área onde se insere Casas Novas é, em termos naturais, uma zona de passagem entre a fachada litoral e a meseta ibérica, confluindo influências de várias regiões.

Conhecemos melhor as influências culturais desta região em épocas mais avançadas, no Calcolítico, durante a «colonização fenícia» do vale do Tejo ou na ocupação islâmica.

Temos aqui influências de Oeste (Estremadura), de Sul (Alentejo e Andaluzia) e da Meseta.

Como área de passagem, de fácil transitabilidade, para o vale do Sorraia confluem influências marítimas e terrestres. Casas Novas também regista situação, com a importância das decorações *punto y raya*, que remetem para contextos mesetinhos, a decoração cardial, com características técnicas similares a sítios valencianos e algum paralelismo com a Andaluzia. Naturalmente que a leitura destas «áreas cerâmicas» radica na compreensão do processo de neolitização do Ocidente Peninsular.

O faseamento crono-estilístico para o Ocidente Peninsular está essencialmente baseado no Maciço Calcário Estremenho, nomeadamente para a Galeria da Cisterna do Rio Almonda (Zilhão e Carvalho, 2011; Carvalho, 2011: 249). Com base no estudo deste conjunto e de outros sítios da região, J. Zilhão e A.F. Carvalho propõem a existência de três fases cerâmicas, iniciando-se a cerca de 5400 a.n.e. no Almonda (cardial antigo), prosseguindo no cardinal recente na Gruta do Caldeirão e finalmente numa fase epicardial, já no 5.º milénio (Carvalho, 2008).

Casas Novas e outros contextos, parece não se enquadrarem na proposta de faseamento crono-estilístico do Almonda.

Na Península de Lisboa, o sítio de São Pedro de Canaferrim encontra-se datado do último quartel do 6.º milénio com oito datações absolutas, quatro delas sobre amostras de cereal doméstico (Lopes Doriga, 2015; Simões, 1999), mas apresenta um repertório cerâmico que se aproximaria mais do panorama da terceira fase da cerâmica do Almonda, epicardial, datada do 5.º milénio, estando o cardinal ausente (Simões, 1999).

Também Vale Píncel 1 evidencia uma realidade distinta, com datas muito antigas, que recuam para o segundo quartel do 6.º milénio, mas com um repertório cerâmico onde o cardinal é residual. Não foi ainda publicado sistematicamente o conjunto cerâmico, mas Joaquina Soares e Carlos Tavares da Silva efectuaram uma caracterização genérica: «...formas simples (esferoidais/ovoides e taças em calote) com decoração essencialmente impressa (sendo rara a utilização da concha do Cardium) e plástica (cordões simples ou segmentados, por vezes acompanhados por mamilos).» (Silva e Soares, 2015: 650). João Zilhão tem recorrentemente questionado as datações recuadas e a própria estratigrafia do sítio (Zilhão, 1998), referindo sempre a impossibilidade de usar datações sobre carvões para datar o início do Neolítico, considerando questões de «old wood effect» e da importância de datar directamente matéria orgânica «domesticada». Também Casas Novas tem este problema das datações sobre carvão, estando aqui completamente ausente outra matéria orgânica. E para as estruturas de combustão não é habitual usar preferencialmente pequenos ramos secos, ramos adjacentes ou arbustos (não afectados pelo efeito «old wood»)?

Que fazer então em contextos de solos ácidos como o Ribatejo, a Costa Sudoeste ou o Alentejo? Não será redutor centrar a leitura apenas na Estremadura onde se conservam ossos e sementes?

A divisão tripartida identificada no Maciço Calcário Estremenho (cardial antigo, cardinal, epicardial), possivelmente não se pode aplicar taxativamente nem à Península de Lisboa nem ao restante actual território português.

A par de estas questões crono-estratigráficas relativas a sítios, datas e estratigrafias específicas, vários autores têm discutido um diferente modelo teórico, que faz remontar as primeiras ocupações neolíticas a uma origem lígure, do Noroeste da Itália, remontando a 5700 a.n.e. (Guilaine e Manen, 2007; Guilaine, 2018; Bernabeu Auban *et al.*, 2009). O «grupo Impressa» ter-se-ia expandido por via marítima (no modelo de pioneirismo proposto por João Zilhão), em escassos locais dispersos pelo Languedoc, Catalunha, Valência e Portugal. Jean Guilaine salienta como carácter distintivo a presença de cerâmicas decoradas com impressões verticais de conchas, evidenciando uma grande diversidade de soluções decorativas (Guilaine, 2018). Se no Languedoc, sítios como Pont de Roque-Haute e Peiro Signado (Hérault) evidenciam bem esta fase pristina do Neolítico, na Península Ibérica, são ainda muitas as incertezas.

O modelo de difusão démica «pioneira» (Zilhão, 2001) complexifica-se com a possibilidade da existência desta fase pré-cardial, podendo de alguma forma explicar a diversidade estilística dos primeiros grupos neolíticos peninsulares (Bernabeu Auban *et al.*, 2009), apresentando elevada mobilidade, com deslocações por vezes de longa distância, também em conjugação com o substrato mesolítico.

Esta proposta de uma primeira vaga de pioneiros pré-cardiais com filiação itálica necessita de mais e melhores contextos.

Casas Novas não se encontra directamente na fachada atlântica, mas a sua associação ao vale do Tejo assegura uma rápida penetração por via marítima. Não sabemos seguramente se o vale do Sorraia seria uma terra de ninguém em meados do 6.º milénio, mas, mesmo no estado actual dos nossos conhecimentos, é quase impossível que assim tenha sido. Naturalmente que uma área como Casas Novas tem um longo uso, como evidenciam as reocupações episódicas, campaniformes, da Idade do Bronze e do Ferro, mas alguns elementos da cultura material parecem indicar que a ocupação neolítica é relativamente restrita.

Existe um «Horizonte Impressa» no Ocidente Peninsular? Casas Novas integra-se nesta primeira vaga de neolitização?

Em Casas Novas (e no vale do Sorraia), não encontramos fase de ocupação anteriores ao Neolítico e a cultura material é bastante homogénea, com um conjunto lítico e cerâmico que se enquadra nas primeiras fases do Neolítico, incluindo alguns paralelos estilísticos e tecnológicos da cerâmica. A datação disponível para Casas Novas (Beta-310057) remete-nos quase para uma fase antiga, ainda que tenhamos de usá-la com precaução. Os dados disponíveis parecem indicar uma ocupação não permanente, com elevada mobilidade, mas com claras evidências de práticas agrícolas.

A publicação exaustiva da cultura material e dos contextos estratigráficos na monografia de Casas Novas constitui o principal contributo para a discussão, estando disponibilizada documentação para uma correcta interpretação.

A proposta da possibilidade da existência de uma fase impressa (em Casas Novas e em Portugal) resulta tentadora, mas seria importante confirmá-la com mais datas e com mais elementos da cultura material de sítios estudados exaustivamente.

O dossier Casas Novas está por ora encerrado. Mas certamente que este sítio não está isolado no vale do Sorraia e a continuidade do projecto ANSOR poderá vir a trazer mais dados para este debate.

Agradecimentos

Este artigo resulta do projecto ANSOR, financiado pela Câmara Municipal de Coruche., a quem se agradece o apoio. Agradecemos também ao proprietário da Herdade de Casas Novas que nos autorizou a realizar trabalhos de campo, Eng. Pedro Bom.

Referências bibliográficas

- ALDAY, A.; MORAL DEL HOYO, S. 2011. «El dominio de la cerámica boquique: discusiones técnicas y cronoculturales». *Saguntum. Papeles del Laboratorio de Arqueología de Valencia, Extra 12*: 65-81.
- ANDRADE, M. A.; NEVES, C.; LOPES, G. 2015. «Beyond the Mesolithic shellmiddens: a chronocartographic overview of the ancient peasant communities in Muge». *Muge 150th, Proceedings of the Conference on the 150th Anniversary of the Discovery of the Shell Middens at Muge*. Cambridge: Cambridge Scholars Publishing: 361-373.
- ANGELLUCI, D. E.; DEUS, M. 2006. «Geomorfologia e ocupação pré-histórica no baixo curso do rio Sor: primeiras observações geoarqueológicas». *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa, 9: 2: 5-26.
- BEA MARTÍNEZ, M.; MARTÍNEZ, R. D.; PÉREZ LAMBÁN, F.; URIBE AGUDO, P., REKLAITYTE, I. 2011. «La Ambrolla (La Muela, Zaragoza)». *Las primeras producciones cerámicas: el VI milenio cal AC en la Península Ibérica, Saguntum. Papeles del Laboratorio de Arqueología de Valencia, Extra 12*: 145-146.

- BERNABEU AUBÁN, J.; MOLINA BALAGUER, L.; ESQUEMBRE BEBIA, M. A.; ORTEGA, J. R.; BORONAT SOLER, J. 2009. «La cerámica impresa mediterránea en el origen del Neolítico de la península Ibérica?». En: *De Méditerranée et d'ailleurs... Mélanges offerts à Jean Guilaine*. Archives d'Écologie Préhistorique. Toulouse: 83-95.
- BICHO, N.; DIAS, R.; PEREIRA, T.; CASCALHEIRA, J.; MARREIROS, J.; PEREIRA, V.; GONÇALVES, C. 2015. «O Mesolítico e o Neolítico antigo: o caso dos concheiros de Muge, *Actas do 5.º Congresso do Neolítico Peninsular*. UNIARQ, Lisboa: 631-638.
- BICHO, N.; PEREIRA, T.; GONÇALVES, C.; CASCALHEIRA, J.; MARREIROS, J.; DIAS, R. 2013. «Os últimos caçadores-recolectores do vale do Tejo: novas perspectivas sobre os concheiros de Muge». *Pré-história das Zonas Húmidas*. Setúbal Arqueológica. Setúbal, 14: 57-68.
- BICHO, N.; CASCALHEIRA, J.; MARREIROS, J.; GONÇALVES, C.; PEREIRA, T.; DIAS, R. 2012. «Chronology of the Mesolithic occupation of the Muge valley, central Portugal: the case of Cabeço da Amoreira». *Quaternary International*, 308-309: 130-139.
- BICHO, N.; CASCALHEIRA, J.; MARREIROS, J.; PEREIRA, T. 2011. «The 2008-2010 excavation of Cabeço da Amoreira, Muge, Portugal». *Mesolithic Miscellany*, 21 (2), 3-13.
- CARDOSO, J. L.; CARVALHO, A. F.; GIBAJA BAO, J. F. 2013. «O sítio do Neolítico Antigo de Cortiçóis – Almeirim, Santarém». *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa, 16, 27-61.
- CARVALHO, A.F. 2008. *A Neolitização do Portugal Meridional. Os exemplos do Maciço Calcário Estremenho e do Algarve Ocidental*. Faro: Universidade do Algarve. 426 p. (Promontoria Monográfica 12).
- 2011. «Produção cerâmica no início do Neolítico de Portugal». *Saguntum. Papeles del Laboratorio de Arqueologia de Valencia, Extra* 12: 237-253.
- 2019. «Produção cerâmica no início do Neolítico em Portugal: dados recentes sobre os VI e V milénios a.C.». *Saguntum. Papeles del Laboratorio de Arqueologia de Valencia, (P.L.A.V.)* 51: 9 – 22.
- CARVALHO, A. F.; GIBAJA BAO, J. F.; CARDOSO, J. L. 2013. «Insights into the earliest agriculture of Central Portugal: sickle implements from the Early Neolithic site of Cortiçóis (Santarém)». *Comptes Rendus Palevol*. Paris. 12: 31-43.
- CARVALHO, A.F.; CORREIA, M.; MOISÉS, M. 2020. «Quinta da Praia (Samouco, Alcochete): testemunhos do Neolítico antigo na margem esquerda do Estuário do Tejo». *Revista Digital de Arqueologia, Arquitectura e Artes*, 6: 35-44.
- DAVEAU, S. 1996. «The Sorraia valley. Topics for a guided visit». En: Ferreira, A.B., Vieira, G. (eds.). *Fifth European Intensive Course on Applied Geomorphology*.
- DAVIS, S. J.; SIMÕES, T. 2016. «The velocity of ovis in prehistoric times: the sheep bones from early Neolithic Lameiras, Sintra, Portugal». *O Neolítico em Portugal antes do Horizonte 2020: perspectivas em debate*. Lisboa: Associação de Arqueólogos Portugueses: 51-66.
- DINIZ, M. 2007. *O sítio da Valada do Mato (Évora): aspectos da neolitização no Interior/Sul de Portugal*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. Trabalhos de Arqueologia, 48. 323 p.
- GARCIA BORJA, P., MARTINS, H., SANCHIS SERRA, A., PARDO GORDÓ, S. 2012. «Dataciones radiocarbónicas en contextos del Neolítico antiguo de la Cova Fosca de la Vall d'Ebo (Alacant, España)». *Alberri*, 22: 77-97.
- GIBAJA BAO, J. 2018. «El utillaje lítico del yacimiento de Casas Novas: una aproximación a su uso a través del análisis traceológico, *Casas Novas, numa curva do Sorraia (no 6.º milénio a.n.e. e a seguir)* [estudos & memórias, 11]. Lisboa: UNIARQ/ FL-UL: 239-243.
- GONÇALVES, V. S. 2009. «Um sítio do Neolítico antigo no vale do Sorraia: Casas Novas (Coruche). Uma primeira notícia». *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 12, n.º 2: 5-30.
- GONÇALVES, V. S.; DAVEAU, S. 1983-84. «Programa para o estudo do Baixo-Tejo e afluentes: projecto para o estudo da antropização do Vale do Sorraia (ANSOR)». *Clio Arqueologia*. Lisboa. UNIARCH. 1: 203-206.

- GONÇALVES, V. S.; SOUSA, A.C. 2014. «Coruche e as antigas sociedades camponesas». *Coruche, o céu, a terra e os homens*. Coruche: Câmara Municipal: 39-67.
- 2015. «O sítio do neolítico antigo de Casas Novas (Coruche). Leituras preliminares». En: *Actas do 5.º Congresso do Neolítico Peninsular*. UNIARQ, Lisboa: 236-255.
- 2017. The Shadows of the Rivers and the Colours of Copper. Some Reflections on the Chalcolithic Farm of Cabeço do Pé da Erra (Coruche, Portugal) and its Resources, *Key Resources and Sociocultural Developments in the Iberian Chalcolithic*. RessourcenKulturen 6 (Tübingen-LibraryPublishing) Tübingen.
- 2017. Serra e Mar. As antigas sociedades camponesas (Loulé, Algarve). In *Loulé: territórios, memórias, identidades*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia, p. 60-146.
- 2018. *Casas Novas, numa curva do Sorraia (no 6.º milénio a.n.e. e a seguir)* [estudos & memórias, 11]. Lisboa: UNIARQ/ FL-UL, 280 p.
- GONÇALVES, V. S.; SOUSA, A.C.; ANDRADE, M. 2017. *O Barranco do Farinheiro (Coruche) e a presença campaniforme na margem esquerda do baixo Tejo, Sinos e Taças. Junto ao oceano e mais longe. Aspectos da presença campaniforme na Península Ibérica*. Lisboa: UNIARQ. [Colecção estudos e memórias, 10].
- GUILAINE, J. 2017. «A personal view of the neolithisation of the Western Mediterranean». *Quaternary International* 470: 211-225.
- GUILAINE, J.; MANEN, C. 2007. «From Mesolithic to Early Neolithic in the western Mediterranean». *Proceedings of the British Academy* 144: 21-51.
- GUILAINE, J.; MANEN, C.; VIGNE, J.D. 2007. *Pont de Roque-Haute. Nouveaux regards sur la néolithisation de la France méditerranéenne*. Toulouse: Centre de Recherches sur la Préhistoire et la Protohistoire de la Méditerranée.
- INÁCIO, N. 2018. «Caracterização petrográfica das cerâmicas neolíticas de Casas Novas». *Casas Novas, numa curva do Sorraia (no 6.º milénio a.n.e. e a seguir)* [estudos & memórias, 11]. Lisboa: UNIARQ/ FL-UL: 244-262.
- LÓPEZ-DÓRIGA, I. L. 2015. *La utilización de los recursos vegetales durante el Mesolítico y Neolítico en la costa atlántica de la península ibérica*. Tesis doctoral. Universidad de Cantabria, Instituto Internacional de Investigaciones Prehistóricas de Cantabria.
- NEVES, C. 2010. *Monte da Foz 1 (Benavente): um episódio da neolitização na margem esquerda do Baixo Tejo*. Tese de dissertação de Mestrado em Arqueologia na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- 2013. «A evolução do processo de neolitização numa paisagem estuarina: a ocupação do Monte da Foz 1 (Benavente, Portugal)». En: Soares, J., (ed.) *Pré-história das Zonas Húmidas*. Setúbal Arqueológica. Setúbal, 14: 123-144.
- 2018. *O Neolítico médio no Ocidente Peninsular: o sítio da Moita do Ourives (Benavente), no quadro do povoamento do 5.º e 4.º milénio AC*. Tese de dissertação de Doutoramento em Arqueologia na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- NEVES, C., RODRIGUES, F., DINIZ, M. 2008. «Neolithisation process in lower Tagus valley left bank: old perspectives and new data». *Early Neolithic in the Iberian Peninsula: Regional and Transregional Components*. Bar International, Series 1857, Oxford: 43-51.
- ODRIOZOLA, C. 2018. «Informe: relleno de pasta blanca de la cerámica de Casas Novas». *Casas Novas, numa curva do Sorraia (no 6.º milénio a.n.e. e a seguir)* [estudos & memórias, 11]. Lisboa: UNIARQ/ FL-UL: 263-266.
- SILVA, C. T.; SOARES, J. 2015. «Neolitização da costa sudoeste portuguesa». En: Gonçalves, V.S.; Diniz, M., Sousa, A.C. (eds.) *A cronologia de Vale Pincel I*. Simões, 1999.
- SIMÕES, T. 1999. *O sítio neolítico de São Pedro de Canaferrim (Sintra): Contribuições para o estudo*

- da neolitização da Península de Lisboa*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. (Trabalhos de Arqueologia, 12).
- SOARES, J.; TAVARES DA SILVA, C.; GONZALEZ, A. 2004. «Gaio: um sítio do Neolítico antigo do estuário do Tejo». *I Jornadas de História e Património Local*. Moita: Câmara Municipal da Moita, 37-59.
- STIKA, HANS-PETER 2018. «Plant imprints in daub fragments from the Early Neolithic site of Casas Novas, Coruche, Portugal». *Casas Novas, numa curva do Sorraia (no 6.º milénio a.n.e. e a seguir)* [estudos & memórias, 11]. Lisboa: UNIARQ/ FL-UL, 266-268.
- ZILHÃO, J. 1992. *Gruta do Caldeirão. O Neolítico antigo*. Lisboa: Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico (Trabalhos de Arqueologia 6).
- 1998. «A passagem do Mesolítico ao Neolítico na Costa do Alentejo». *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 1 (1): 27-44.
- 2001. «Radiocarbon evidence for maritime pioneer colonization at the origins of farming in West Mediterranean Europe». *Proceedings of the National Academy of Sciences*, 98: 14180-14185.
- 2009. «The Early Neolithic artifact assemblage from the Galeria da Cisterna (Almonda karstic system, Torres Novas, Portugal)». En: *De Méditerranée et d'ailleurs... Mélanges offerts a Jean Guilaine. Archives d'Ecologie Préhistorique*, Toulouse: 821-836.
- ZILHÃO, J.; CARVALHO, A. F. 2011. «Galeria da Cisterna (rede cárstica da nascente do Almonda». *Saguntvm-Extra* 12, València, Universitat de València, 2011: 251-254.